

REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 38 No. 1 Janeiro - Abril 2025

ARTIGO

DA ILHA AO CENTRO: ARQUEOLOGIA NO AMAPÁ E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O FUTURO DAS HISTÓRIAS DA AMAZÔNIA

Mariana Petry Cabral*

RESUMO

Este texto propõe revisitar a história da arqueologia no Amapá buscando ressaltar contribuições pouco conhecidas e refletindo sobre sua imagem de isolamento. Inspirada em provocações contemporâneas sobre o lugar que a Amazônia ocupa em narrativas fora da arqueologia, incito a observarmos o Amapá como centro de sua própria arqueologia. Esse movimento dialoga com perspectivas que expõem os vieses colonialistas da disciplina, chamando a atenção para a necessidade de deslocarmos o eixo conceitual da arqueologia rumo a teorias divergentes. Ainda que o pano de fundo deste texto seja a história e o papel social das pesquisas arqueológicas na região, meu esforço está em apontar para contextos e momentos dessa história que ajudaram a aproximar a arqueologia das pessoas no Amapá.

Palavras-chave: arqueologia do Amapá; história da arqueologia; arqueologias públicas.

* Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Departamento de Antropologia e Arqueologia, PPG em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável, PPG em Antropologia. E-mail: nanacabral75@gmail.com.
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-0305-5341>.

A elaboração deste texto contou com auxílio da CAPES (Bolsa Professora Visitante Junior CAPES/PrInt – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Código de Financiamento 001, Brown University – EUA), e do CNPq (Bolsa de Produtividade em Pesquisa – Pq.2).

FROM THE ISLAND TO THE CENTER: ARCHAEOLOGY IN THE STATE OF AMAPÁ AND ITS IMPLICATIONS FOR THE FUTURE OF AMAZONIAN HISTORIES

ABSTRACT

This study proposes revisiting the history of archaeology in Amapá to highlight lesser-known contributions and reflecting on its image of isolation. Inspired by contemporary provocations about the place the Amazon occupies in narratives outside of archaeology, I propose to observe Amapá as the center of its own archaeology. This movement dialogues with perspectives exposing the colonialist biases of the discipline, highlighting the need to shift the conceptual axis of archaeology toward divergent theories. Although the background of this text is the history and social role of archaeological research in this region, I aim to point to contexts and moments in this history that have helped to bring archaeology closer to the people in Amapá.

Keywords: archaeology of Amapá; history of archaeology; public archaeologies.

DE LA ISLA AL CENTRO: ARQUEOLOGÍA EN EL AMAPÁ Y SUS IMPLICACIONES PARA EL FUTURO DE LAS HISTORIAS DE LA AMAZONÍA

RESUMEN

Este texto propone visitar la historia de la arqueología en Amapá buscando resaltar las contribuciones poco conocidas y reflexionar sobre su imagen de aislamiento. Inspirado en provocaciones contemporáneas sobre el lugar que la Amazonía ocupa en narrativas fuera de la arqueología, este texto busca observar el Amapá como el centro de su propia arqueología. Este movimiento dialoga con perspectivas que exponen los sesgos colonialistas de la disciplina, llamando la atención sobre la necesidad de desplazar el eje conceptual de la arqueología hacia teorías divergentes. Aunque el trasfondo de este texto sea la historia y el papel social de las investigaciones arqueológicas en esta región, su esfuerzo se centra en señalar contextos y momentos de esa historia que ayudaron a acercar la arqueología a las personas en Amapá.

Palabras clave: arqueología de Amapá; historia de arqueología; arqueologías públicas.

INTRODUÇÃO

A região da foz do Rio Amazonas, onde está localizado o estado do Amapá, acolheu pesquisas arqueológicas pioneiras já no final do século XIX, as quais serviram não apenas para a constituição de acervos arqueológicos de referência na região (Sanjad; Silva, 2009; Lima; Barreto, 2020), como também em disputas geopolíticas sobre as fronteiras nacionais entre Brasil e França (Santos, 2021a). Esses primórdios da arqueologia na região contribuíram para sua sistematização posterior, sendo o impactante trabalho de Betty Meggers e Clifford Evans (Meggers; Evans, 1957; Evans, 1950) uma referência relevante, ainda que amplamente discutida criticamente nas últimas décadas (Boovert, 2004; Rostain, 1994, 2011; Cabral; Saldanha, 2010; Barreto, 2015).

Neste texto, revisito a história da arqueologia na região buscando ressaltar contribuições menos conhecidas e refletindo sobre a imagem de isolamento do Amapá, que muitas vezes a arqueologia contribuiu para construir. Como pesquisadora de fora do estado, eu fui acolhida como residente do Amapá por mais de uma década, ampliando minha capacidade crítica para perceber os viesamentos de explicações elaboradas de fora para dentro. Inspirada em provocações contemporâneas sobre o lugar que a Amazônia ocupa em narrativas fora da arqueologia, como nas reflexões críticas de Eliane Brum (2021), incito aqui a observarmos o Amapá como centro de sua própria arqueologia. Esse movimento dialoga ainda com perspectivas internas à arqueologia que têm exposto os vieses colonialistas da disciplina, evidenciando a imposição de recortes e perspectivas sobre realidades muito variadas, e chamando a atenção para a necessidade de deslocarmos o eixo conceitual da arqueologia rumo a teorias divergentes (Million, 2005; Battle-Baptiste, 2011; Hartemann; Moraes, 2018; Catanach; Agostini, 2019; Preucel; Duwe, 2019; Tuyuka; Valle, 2019; Haber; Gardenal, 2020; Wai Wai, 2022; Novaes, 2022).

O Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá (IEPA) foi o espaço institucional em que fui acolhida como pesquisadora, atuando diretamente na implantação de um centro de pesquisa em arqueologia que floresceu e se transformou em um agente relevante na história mais recente da arqueologia na Foz do Amazonas (Saldanha; Cabral, 2012; Pereira; Cabral, 2021). No IEPA, o conhecimento tradicional sobre a floresta e seus habitantes compõe pesquisas há muitas décadas. Pesquisas com plantas medicinais a partir dos conhecimentos dos povos da floresta, como o projeto “Farmácia da Terra” (Santos *et al.*, 2000), estão na base da instituição. Não à toa, o espaço museal carrega o nome do Mestre Sacaca (registrado como Raimundo dos Santos Souza). Ele foi um mestre curandeiro importante no Amapá e um dos fundadores da UNA, a União dos Negros do Amapá.

A importância do Mestre Sacaca para o IEPA serve como um lembrete sobre a força e a potência de conhecimentos que, no mundo branco da ciência, rotulamos de “tradicionais”, uma estratégia classificatória que almeja manter uma distância segura entre Ciência e outros modos de conhecer (Tuhiwai Smith, 1999; Carneiro da Cunha, 2012). No entanto, para a vida das pessoas da Amazônia, para a vida dos povos da floresta, para a vida do Mestre Sacaca, saberes como esse não são “conhecimento tradicional”, eles são vida e existência, são sabedorias que carregam o passado, que sustentam e transformam o presente, e que alimentam os projetos de futuro. Como pesquisadora que veio de fora e mulher branca de ascendência europeia, foi atuando na Amazônia e colaborando com sua gente que fui ensinada a perceber a violência estrutural que carrego na cor branca da minha pele (Bento, 2022). Essa é uma violência que exclui, que expropria terras e destrói futuros. É a partir desse lugar, reconhecendo a continuidade dessa violência no presente de modo a mobilizar transformações da nossa realidade (Mombaça, 2021), que eu irei discutir aqui sobre caminhos e encontros de conhecimento, e como isso pode ser mais um modo de a arqueologia sustentar futuros inclusivos para a Amazônia.

Ainda que o pano de fundo deste texto seja a história da arqueologia no Amapá e o papel social das pesquisas arqueológicas realizadas nessa região, meu esforço não é por realizar uma revisão detalhada da arqueologia do Amapá, mas sim apontar para contextos e momentos dessa história que – na minha perspectiva – ajudaram a aproximar a arqueologia das pessoas no Amapá. Essa aproximação, ou esforço de engajar socialmente a pesquisa, funciona não só para que as pessoas de fora da academia entendam

e conheçam nossa disciplina e resultados; ela também é importante para nos fazer refletir sobre como construímos histórias por meio da arqueologia e que papel essas histórias têm para além das fronteiras disciplinares. É reconhecer que contar histórias é uma grande responsabilidade (Adichie, 2009).

A ILHA: UMA IDEIA RECORRENTE

A arqueologia do Amapá, ressoando uma visão disseminada sobre essa parte do Brasil, foi permeada pela ideia de “ilha” desde seus primórdios. Cercado pelo Atlântico, pelo Rio Amazonas e pela floresta, o Amapá parece conduzir à naturalização dessa ideia, como se as fronteiras geográficas atuassem de fato como limites físicos *a priori*. Minha condição de estrangeira, como uma mulher oriunda do sul do país, permitiu que eu percebesse a ativação dessa ideia de modo recorrente durante os anos em que habitei a região, especialmente entre outras pessoas também estrangeiras ao estado. Essa ideia reforça uma percepção de isolamento, salientando a distância do Amapá em relação ao restante do país. Um exemplo disso aconteceu em 2008, quando o Amapá foi tema da Escola de Samba Beija-Flor no Carnaval carioca, levando a cerâmica arqueológica para a Marquês de Sapucaí. Durante a transmissão de televisão em rede nacional, um comentarista fez a observação de que o Amapá era tão longe quanto Marte¹. Essa ideia é o oposto do que encontramos escrito no monumento à Pátria, na cidade do Oiapoque, no extremo norte do Amapá, na fronteira com a Guiana de colonização francesa. Ali está escrito: “Aqui começa o Brasil”.

A ideia de ilha² e o problema que ela evidencia, indicando um suposto isolamento do estado, ressoa com uma fala recente do pensador e historiador indígena Ailton Krenak³. Ele afirma: “Eu costumo comentar que remoto é sempre o outro, remoto nunca é a gente. Eu nunca estou num lugar remoto. (...) Mesmo se você estiver escalando o Himalaia, remotos são os outros que não estão lá com você.” (Krenak; Moreira, 2022, p. 6)

Pensar o Amapá como uma ilha reflete essa mesma ideia de remoto que Ailton Krenak problematiza: a ilha é o afastado, é o isolado, é “o outro”. Não me parece ser por acaso que o primeiro tratado sobre arqueologia do Amapá, a monumental obra de Betty Meggers e Clifford Evans (1957) sobre arqueologia na Foz do Amazonas, englobasse três áreas: o Amapá, a Ilha do Marajó e as Ilhas de Caviana e Mexiana. Era quase como se o Amapá também fosse parte do arquipélago.

Betty Meggers e Clifford Evans, em seu esforço de organizar no tempo e no espaço a diversidade de conjuntos arqueológicos então mapeados nessa região, imaginaram de fato muitas conexões que ligavam a foz do Amazonas com outras porções da calha norte. Obviamente que usaram os dados então disponíveis para criar essas rotas, e não por acaso – portanto – essas rotas seguem os caminhos da expansão da sociedade nacional, que são também as rotas onde as pesquisas aconteciam.

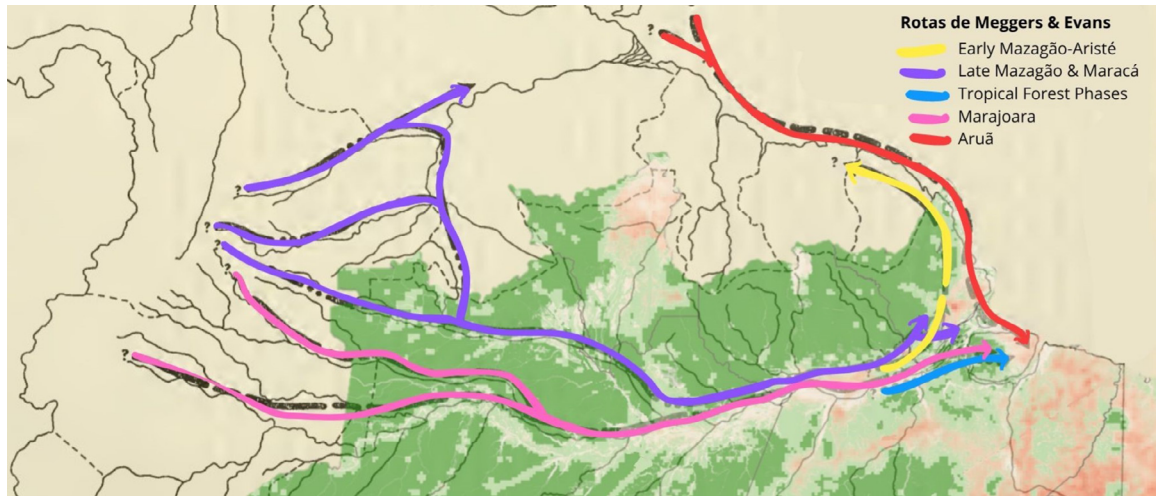
Ao sobrepor o mapa de rotas de migração e difusão elaborado por Meggers e Evans (1957, p. 600) com o mapa de densidade de estradas produzido pelo Instituto do Homem e Meio Ambiente da Amazônia (ESTRADAS cortam..., 2022), fica bastante evidente a congruência entre as rotas imaginadas por Meggers e Evans para o deslocamento de populações indígenas no período anterior à invasão europeia, e as nossas próprias rotas atuais de expansão na Amazônia, ainda que em direções opostas (Figura 1). A nossa imaginação, inclusive arqueológica, também se limita às nossas experiências de mundo. Um dos pontos que eu gostaria de destacar com esse texto é que a arqueologia pode ampliar sua imaginação, equilibrando a hegemonia colonial sobre as histórias e as pessoas envolvidas.

¹ Lembrança da autora. Um blog no Amapá tem também este registro: <https://saidib.wordpress.com/2008/02/06/macapaba-da-vitoria-para-a-beija-flor/>

² A partir da sugestão de um dos pareceres anônimos deste artigo, aponto o potencial para se pensar a ideia de “ilha” com as discussões do escritor Martinicano Édouard Glissant (2010), o que não tive como desenvolver neste momento.

³ Foi a partir de trocas com Marcia Bezerra que fui lembrada sobre essa citação de Ailton Krenak.

Figura 1. Mapa das rotas imaginadas por Meggers e Evans em sobreposição ao mapa de densidade de estradas do instituto IMAZON. A imaginação arqueológica reproduz conhecimentos (imagens) disponíveis em cada contexto.



Fonte: mapa elaborado pela autora a partir da sobreposição de figura de Meggers e Evans (1957, p. 600) e mapa do Instituto IMAZON (ESTRADAS cortam..., 2022).

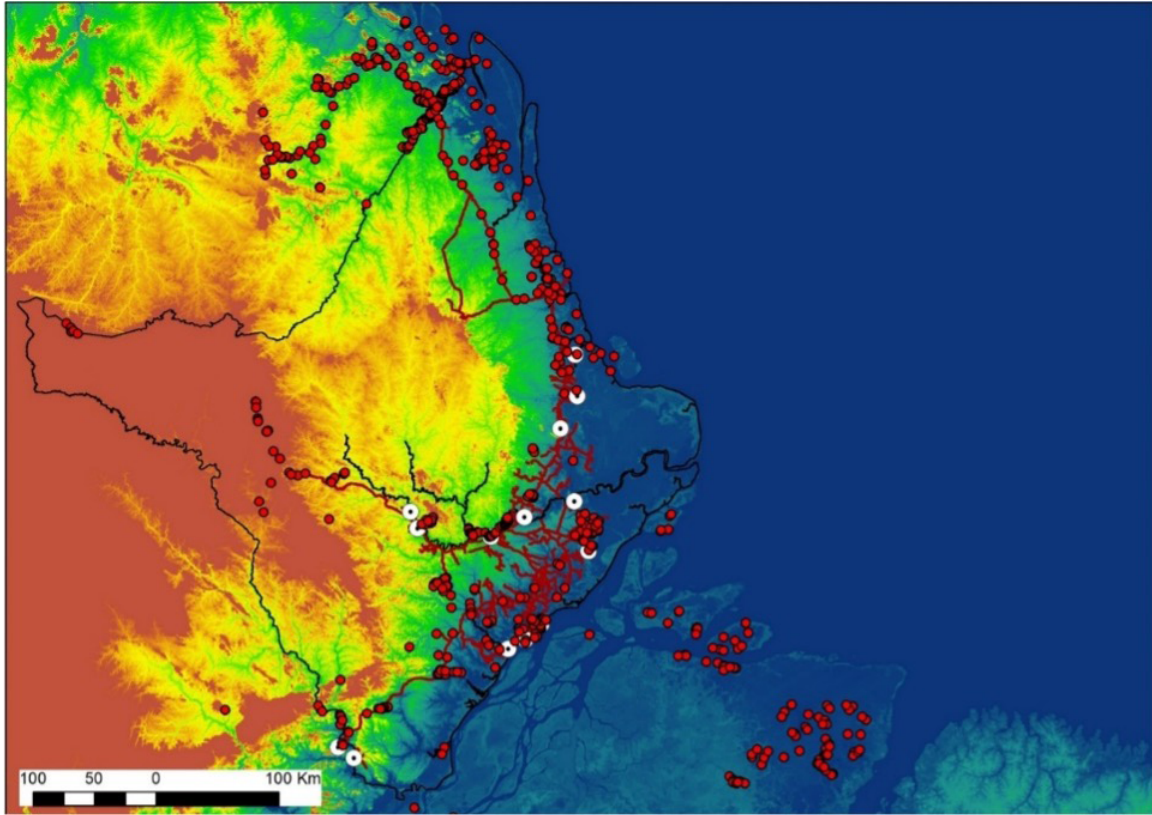
De volta às rotas imaginadas por Meggers e Evans, é verdade que os grandes rios são também grandes caminhos, hoje e no passado, mas as populações indígenas e os povos da floresta nos mostram que circular através da floresta é tão importante quanto (Gallois, 1986, 2005). Ainda que seja bem documentado o quanto a violência colonial deslocou populações indígenas para as áreas mais distantes dos rios, o que se materializa na atual localização das terras indígenas, próximas às cabeceiras de rios⁴, esses caminhos por meio da floresta, muitas vezes cruzando bacias hidrográficas, evidenciam redes de troca mais antigas (Porro, 1996).

No Amapá, como em outras regiões da Amazônia, a maior parte dos sítios arqueológicos que conhecemos se concentra no entorno das rodovias e cidades (Figura 2), encaixando-se nos eixos imaginados por Meggers e Evans. Porém, as poucas pesquisas realizadas nas áreas fora desse eixo mostram que as áreas no interior também foram intensamente habitadas no passado. A pesquisa que eu tenho conduzido junto com o povo indígena Wajãpi, por exemplo, tem registrado sítios cerâmicos em todas as áreas visitadas, com materiais ligados a fases arqueológicas conhecidas, como Mazagão e Koriabo (Cabral, 2011; Saldanha; Cabral, 2021). Também chama a atenção, no caso do Amapá, que as datas mais antigas de ocupação, em torno de 7 mil anos atrás, estão em sítios no interior, na região do Alto-Médio Amapari (Saldanha, 2016). Ainda que esses dados sejam esparsos, eles apontam para ocupações no interior desde antes da invasão europeia. Por óbvio que possa parecer, a floresta nunca foi uma barreira para os povos da floresta. A ilha é uma invenção estrangeira, um esforço de controlar e submeter as histórias à imaginação colonial⁵.

⁴ Para consultar mapas de localização das terras indígenas no Brasil, assim como outras informações acuradas sobre esse tema, sugiro a plataforma www://terrasindigenas.org.br do Instituto Socioambiental (ISA).

⁵ Eu ativo a ideia de “imaginação colonial” nesse texto em referência à persistência da colonialidade como ação construtora de realidades, ressaltando que as ideias que movimentamos na ciência branca ocidental sustentam e reproduzem a ontoepistemologia da colonialidade. Destaco aqui a relevância das discussões de Jaider Esbell (2018; Esbell Makuxi, 2022), Jota Mombaça (2021), Antônio Bispo dos Santos (2023) e Denise Ferreira da Silva (2022) na minha reflexão em operar com a ideia de “imaginação colonial”.

Figura 2. Mapa de localização de sítios arqueológicos no estado do Amapá. A distribuição de sítios arqueológicos (pontos vermelhos) no Amapá segue a distribuição de rodovias (linhas vermelhas). As sedes municipais estão representadas em branco.



Fonte: Elaborado pela autora, a partir da base de dados do IEPA (Nuparq/IEPA e Projeto Carta SAO), em projeção de relevo.

Mudar essa chave, trocar a ilha pelo centro, é reposicionar como as histórias são contadas. É contar de dentro, reconhecer que existe essa outra posição, reconhecer que nossa imaginação colonial é míope. A história da arqueologia no Amapá, como a história das disciplinas científicas no Brasil, é marcada pela presença de pesquisadoras e pesquisadores de fora, e eu sou mais um exemplo desse padrão. No entanto, também participam dessa história muitas pessoas que são da região, ou que lá residem, mas que nem sempre receberam visibilidade por sua atuação. Pensar a arqueologia do Amapá a partir de dentro requer também a alteração dessa história, e aqui me proponho a evidenciar o envolvimento e engajamento dessas pessoas por meio da atenção sobre encontros e caminhos que foram sendo construídos e que hoje sustentam uma arqueologia forte, engajada, e que se faz relevante localmente (Cantuária, 2006; Santos, 2023).

O CENTRO: A INVERSÃO DO EIXO DE ATENÇÃO

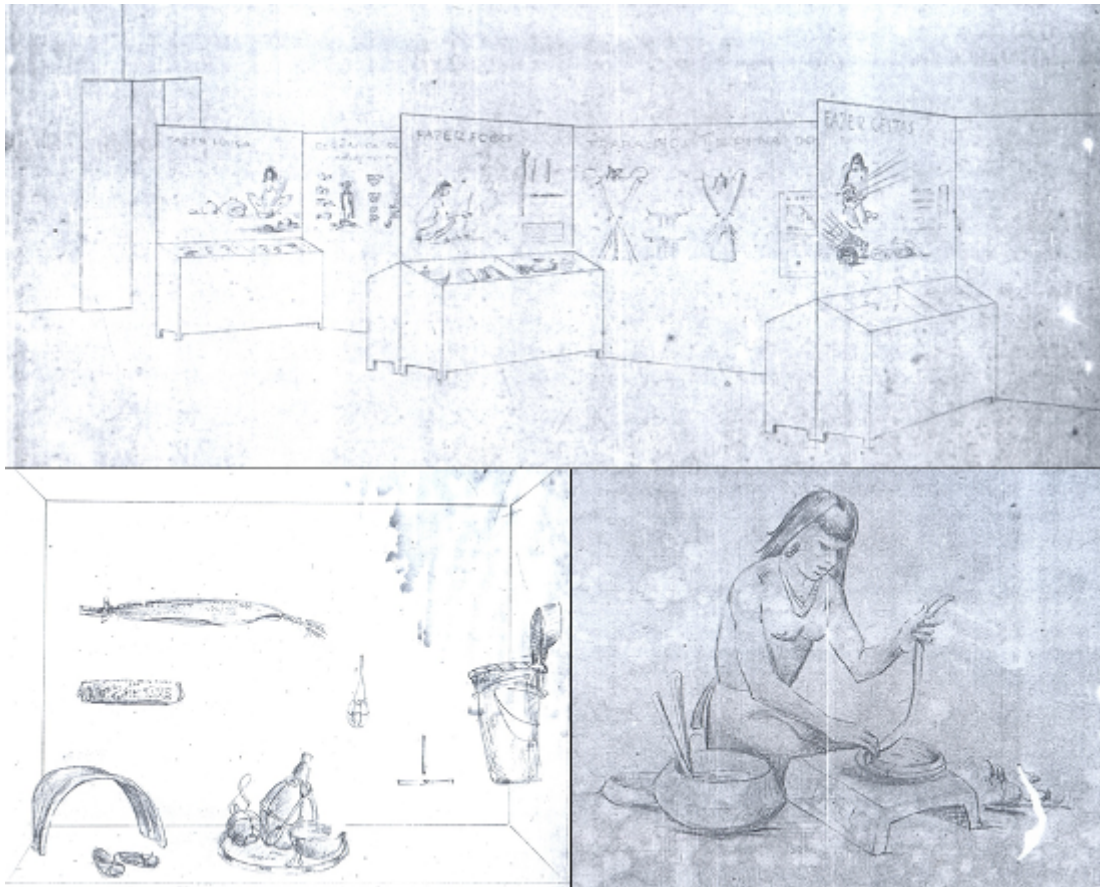
Há uma passagem pouco conhecida da arqueologia no Amapá que considero relevante lembrar, por apontar para esforços antigos de aproximar a arqueologia e a história indígena com a população. Na década de 1950, a arqueologia no Amapá já havia acumulado informações de diferentes regiões do estado, com publicações que circulavam entre especialistas. No final do século XIX, os trabalhos de Henri Coudreau (1886, 1887), Emilio Goeldi (1898, 1905; Sanjad e Silva, 2009), Ferreira Penna (1879) e Lima Guedes (Goeldi, 1898) mostraram o encantamento com as coleções de urnas funerárias nas regiões do Cunani e de Maracá. Posteriormente, na década de 1920, Nimuendajú havia registrado

vários sítios megalíticos na costa atlântica (Linné, 1928; Nimuendajú, 2000, 2004), além de registrar sítios cerâmicos em área de floresta, como no Iratapuru, no sul do estado (Nimuendajú, 2004). Em 1949, Evans e Meggers fizeram escavações sistemáticas em vários sítios e estudaram diversas coleções, resultando na tese de doutorado de Evans (1950), depois sistematizada na obra da Foz do Amazonas (Meggers; Evans, 1957). É nesse contexto que Peter Paul Hilbert, arqueólogo e etnólogo alemão, foi contratado como funcionário do Museu Territorial do Amapá em 1954⁶, durante a gestão do Coronel Janary Nunes, o primeiro governador do Amapá. Esse Museu Territorial em que Hilbert trabalhou está nas origens tanto do IEPA quanto do Museu Histórico Joaquim Caetano da Silva, duas das três instituições que hoje são reconhecidas como instituições de guarda de acervos arqueológicos no Amapá (Cabral; Pereira; Bezerra, 2018; Pereira, 2023).

Peter Hilbert foi funcionário do Museu Territorial por um ano e seis meses. Na documentação que deixou, há um conjunto de desenhos para uma exposição museológica, que nunca foi realizada (Figura 3). Nos documentos, fica evidente que ele pensava uma história contínua, de longa duração, que ligava os vestígios arqueológicos com as populações indígenas contemporâneas. É uma pena que seus esforços para construir essa exposição não tenham prosperado, pois ali havia uma oportunidade de contar outra história e de dar visibilidade para o mundo indígena no Amapá em plena década de 1950, e não só como algo do passado. De fato, foi só em 2002, quase 50 anos depois de Hilbert sair do Museu Territorial, que foi inaugurada a primeira exposição permanente sobre os povos indígenas no Amapá. Essa é a exposição a céu aberto do Museu Sacaca (Capiberibe, 2013), que trata do modo de vida dos povos das florestas do Amapá, ainda que sem uma ligação direta com o material arqueológico e essa história indígena de longa duração.

⁶ A documentação sobre a atuação de Peter Paul Hilbert no Amapá é parte do acervo de família guardado por seu filho, o arqueólogo Klaus Peter Hilbert. Há alguns anos, Klaus Hilbert disponibilizou cópias de toda documentação, hoje guardadas no acervo do Núcleo de Pesquisa Arqueológica do IEPA, em Macapá.

Figura 3. Esboços de uma exposição que nunca aconteceu. Desenhos de Peter Paul Hilbert para o Museu Territorial do Amapá.



Fonte: Acervo do NUPArq/IEPA.

Essa conexão que uma história indígena de longa duração pode fazer entre passado e presente é um caminho importante para a arqueologia e sua relação com os povos indígenas (Preucel; Duwe, 2019). Esse caminho nos aponta para o presente e para nosso papel social ao fazer arqueologia. E a arqueologia amazônica tem ocupado um lugar importante em puxar essa discussão no Brasil (Silva; Garcia, 2015; Rocha; Oliveira, 2020; Neves, 2022).

Após a partida de Peter Hilbert do Amapá, em 1955, as pesquisas arqueológicas tiveram um período em suspensão. Nas décadas de 1980 e 1990, com uma reformulação no Museu Joaquim Caetano da Silva, que tinha laços com o antigo Museu Territorial, servidores da casa retomaram o interesse pela arqueologia⁷. Achados fortuitos pela população eram comunicados ao museu, e sua equipe fazia o possível para registrar os sítios e coletar as peças. Foi nessa época que colegas como Adervan Lacerda, Edinaldo Nunes Filho, Brasilina Queiroz, Anastácio Penha, Seu Limeira e Ernandes Melo começaram a atuar com arqueologia. Esse é o grupo responsável pelas primeiras coleções guardadas no Estado, que hoje formam o importante acervo do Museu Histórico Joaquim Caetano da Silva.

Nesse período o Museu Paraense Emilio Goeldi teve também um papel importante na arqueologia do Amapá. Arqueólogas como Alicia Coirollo (1996), Ana Lucia Machado (1997), Dirse Kern (Pereira; Kern; Veríssimo, 1986), Edithe Pereira (2004) e Vera Guapindaia (1997, 2000; Guapindaia; Machado, 1997) atuaram com colegas do Museu Joaquim Caetano em diversas frentes, e, em alguns casos,

⁷ Para relatar esse período, me baseio nas histórias compartilhadas por colegas no Amapá, principalmente ao longo dos anos em que residi no Estado (2005-2016).

as coleções arqueológicas ficaram no Amapá. Já havia naquele momento um desconforto com as coleções saírem do Estado, mas nem sempre houve condições institucionais e políticas para mantê-las localmente. Foi também nesse período que Klaus Hilbert e Mauro Barreto visitaram a região (Hilbert; Barreto, 1988), vinculados ao Museu Goeldi, na expedição ao rio Maracá, que deu mais visibilidade às pinturas e aos contextos indígenas antigos no sítio arqueológico Buracão do Laranjal (EXPEDIÇÃO encontra..., 1989), porém sem envolvimento direto com equipes locais.

Entre 1999 e 2002 aconteceu um projeto pioneiro de arqueologia pública, envolvendo o povo indígena Palikur. Lesley Green, David Green e Eduardo Neves se juntaram em um projeto inovador de engajamento da arqueologia com o conhecimento indígena, incitando a disciplina a questionar noções de tempo e de história a partir do conhecimento Palikur (Green; Green; Neves, 2003; Green; Green, 2013). O olhar Palikur sobre sua própria história reposiciona a arqueologia: ela é uma prática para “seguir os passos dos antepassados”, essa formulação potente que eles criaram para explicar o que é arqueologia nos seus próprios termos (Green; Green; Neves, 2003, p. 276). É uma arqueologia engajada com a longa história indígena da região, mas que não perde a centralidade na história local (Green; Green, 2004). Em 2008, junto com meu colega João Saldanha, tive a oportunidade de participar de uma retomada do projeto com David e Lesley Green. Ainda que não tenha sido possível manter sua continuidade, esse projeto nos ofereceu uma importante aproximação com os povos indígenas do Oiapoque, que posteriormente resultou em ações de colaboração com o Museu Kuahi dos Povos Indígenas do Oiapoque (Migeon, 2011). Um desdobramento recente desse projeto está em andamento, com a atuação incansável de David Green, que cooptou o arqueólogo Michel Flores da Silva na retomada da pesquisa arqueológica com os Palikur (Silva, 2023).

O início dos anos 2000 foi também o momento em que o cenário da arqueologia no Amapá ganhou tração com a implantação de centros de pesquisa na UNIFAP (Universidade Federal do Amapá), em 2004, e no IEPA (Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá), em 2005. A atuação do arqueólogo Edinaldo Nunes Filho na UNIFAP, especialmente como professor no Curso de História, foi fundamental na atração de uma nova geração para a arqueologia no Amapá. Estudantes da UNIFAP com raízes no estado receberam a motivação para buscar uma formação em arqueologia.

No IEPA, com a chegada minha e do João Saldanha em 2005, logo compreendemos que era crucial investir na formação de pessoal, o que nos levou a implementar um setor de pesquisa com forte atenção para o treinamento de jovens estudantes (Saldanha; Cabral, 2012). É também desse período a pesquisa do arqueólogo Marcos Albuquerque (2008) na Fortaleza de São José de Macapá e na antiga vila de Mazagão (Albuquerque; Lucena, 2020), em projetos financiados pelo Governo do Estado do Amapá para a valorização do patrimônio histórico, um sinal do interesse do governo em arqueologia nesse contexto (Góes, 2006).

O CEPAP/UNIFAP e o NUPARQ/IEPA tornaram-se espaços importantes de formação em arqueologia no Amapá e encaminharam colegas para fazerem pós-graduação em diversas partes do Brasil. Há algo desse processo que considero muito relevante, que é o fato de a maior parte dessas pessoas seguir trabalhando no Amapá, seja no IEPA, na UNIFAP ou em outros espaços, ampliando a presença da arqueologia em secretarias de Estado, nos municípios e mesmo na rede escolar.

No IEPA, nós tivemos a oportunidade de criar um setor de pesquisa em um contexto muito especial. As primeiras vagas de arqueologia na instituição estavam ligadas ao Programa Estadual de Preservação do Patrimônio Arqueológico⁸ (Amapá, 2005), um programa articulado entre o Governo do Estado, por meio do IEPA, e o IPHAN. Esse programa foi de fato gestado e implementado

⁸ Esse programa foi implantado em 2005, criando as primeiras vagas para arqueólogos na estrutura do Estado, ainda que temporárias. Passados quase 20 anos da implantação desse programa, essas vagas seguem temporárias na instituição, expondo a fragilidade deste espaço de pesquisa.

pela ação de duas pesquisadoras: a Dra. Odete Silveira, geóloga e então pesquisadora do Centro de Pesquisas Aquáticas do IEPA, e uma entusiasta da arqueologia, e a arqueóloga Maria Lucia Pardi, do IPHAN, sediada em Brasília (Pardi; Silveira, 2005). A figura da Odete Silveira foi muito importante nesse processo. Como geóloga, ela tinha uma atuação muito forte nas comunidades no interior do Amapá, e percebia como havia interesse pelas coisas arqueológicas, e que faltava uma atuação do Estado na preservação e na promoção do patrimônio arqueológico. No IEPA, ela foi uma referência crucial no início da implantação do setor de arqueologia, quando eu e o colega João Saldanha chegamos em 2005. Odete Silveira nos ajudou a entender que a ciência precisa ser acessível, que as pessoas que moram nos lugares onde a gente pesquisa precisam conseguir entender o que a gente faz e como isso impacta a vida delas.

Foi um contexto em que tivemos muita liberdade para experimentar com a arqueologia e tentar colocar em prática coisas que havíamos lido sobre compromisso social, mas que não eram muito evidentes de como serem feitas (Wylie; Pinsky, 1989; Bezerra, 2003; Sandlin; Bey, III, 2006). Desde minha primeira ida a campo no Amapá, uma visita para avaliarmos o potencial turístico e de pesquisa do sítio Rego Grande em Calçoene, escutei das pessoas de lá que pesquisadores roubavam urnas, que pegavam as coisas e nunca mais voltavam, e que ninguém sabia para onde essas peças tinham sido levadas. A expressão “roubo das urnas” foi usada pela arqueóloga Daiane Pereira em um artigo que discute justamente o descompasso entre a nossa atuação de especialistas e os interesses das pessoas sobre isso que chamamos de arqueológico, também se referindo às falas de pessoas moradoras no interior do Amapá (Pereira, 2019).

Esse incômodo das pessoas com a nossa presença como arqueólogos foi um catalisador para a criação de outro tipo de relação, pois ficou evidente que era preciso criar relações de confiança. As escavações que conduzimos no sítio Rego Grande (Cabral; Saldanha, 2008, 2010, 2017) só tiveram início depois de um trabalho de seis meses de aproximação com a cidade, que se deu por meio de conversas na rádio comunitária, reuniões na prefeitura, encontros nas associações, palestras nas escolas, visitas e muita conversa (Cabral; Saldanha, 2009). Essas ações continuaram durante o desenrolar do projeto, inclusive nas escavações, quando as visitas ao sítio eram mais um elemento dessa aproximação. Nesse contexto, a figura de Lailson Camelo da Silva, conhecido como “Seu Garrafinha”, foi crucial. Como um membro da comunidade e como funcionário do IEPA na área do sítio Rego Grande, ele mobilizou muitas pessoas e construiu um espaço de visibilidade do sítio bastante especial. Ali a gente gestou uma arqueologia mais próxima das pessoas (Cabral; Saldanha, 2011; Cabral; Saldanha; Pereira, 2012).

Esse projeto em Calçoene, de certo modo, criou as bases para a implantação da reserva técnica visível no Núcleo de Pesquisa Arqueológica do IEPA (Cabral; Saldanha; Pereira, 2012), na primeira grande reforma do prédio, que foi inaugurada em 2010. A reserva visível foi uma escolha política. A coleção arqueológica do IEPA, com apenas cinco anos naquela época, já tinha um acervo considerável de diversas regiões do Estado. Construir uma reserva visível foi um dos passos para chamar as pessoas a visitarem o laboratório, verem que as peças estavam guardadas na instituição e ainda terem a oportunidade de conhecer a diversidade de materiais que o acervo contém (Pereira, 2017; Pereira; Cabral, 2021).

Criar essa referência para as pessoas foi um modo de assumir também a nossa responsabilidade ao coletar tanto material. A reserva visível mostra o tamanho do nosso trabalho não apenas na coleta, mas também o quanto de material ainda aguarda estudo, o quanto ainda não conseguimos processar e transformar em resultados, sejam acadêmicos, sejam de extroversão. Ao abrir a coleção ao público, mostramos também o tamanho da nossa responsabilidade em salvaguardar essas histórias (Bruno, 2020), o que é importante de ser transmitido para um público mais amplo, de modo que amplie a compreensão da sociedade sobre essa dimensão da pesquisa: a salvaguarda das histórias é fundamental para o cuidado dos acervos arqueológicos (Jácome *et al.*, 2020; Pereira, 2023).

Nas duas últimas décadas, a arqueologia no Amapá se enraizou e cresceu. No IPHAN, houve a criação da Superintendência do Amapá em 2009 e a contratação de técnicos com formação em arqueologia a partir de 2015. Na UNIFAP, duas colegas arqueólogas foram contratadas em 2012 e 2013, ampliando o corpo docente e a oferta de disciplinas e de formação, além de outros contratos temporários. No IEPA, ainda que um concurso efetivo continue sendo urgente, a dinâmica da pesquisa e a dedicação da equipe têm sustentado a presença de arqueólogues e de técnicas graduadas, seja por contrato, por função comissionada ou cedidos de outros órgãos do governo.

FORTALECIMENTO FORMATIVO: A TITULAÇÃO EM PÓS-GRADUAÇÃO

Do ponto de vista acadêmico, nessas duas décadas⁹, foram 29 trabalhos de pós-graduação defendidos, fortalecendo a formação acadêmica de 22 pessoas (Figura 4). Os trabalhos, abordando diversos temas, englobam monografias de especialização (Nazaré, 2008; Souza da Silva, 2010; Souza, 2011; Silva, 2011; Penha, 2011; Costa Leite, 2011; Lopes da Silva, 2011; Pereira, 2012), dissertações de mestrado (Nunes Filho, 2003; Hiriart, 2012; Souza, 2013; Costa Leite, 2014; Barreto, 2015; Pereira, 2015; Gambin Jr., 2016; Silva, 2016; Silva, 2014; Ferreira, 2016; Lima, 2017; Santos, 2021b; Santos, 2023; Miranda da Silva, 2023) e teses de doutorado (Nunes Filho, 2010; Cabral, 2014; Jacques, 2015; Saldanha, 2016; Polo, 2019; Silva, 2023; Pereira, 2023). Considerando meu interesse em expor o desenvolvimento da arqueologia no Amapá a partir de dentro, destacando a centralidade do Estado nesse movimento, ao realizar o levantamento sobre esta produção de pós-graduação, optei por selecionar trabalhos desenvolvidos por pessoas que residiram (ou residem) no Amapá e que sejam ligadas à formação em Arqueologia¹⁰. Meu intuito, portanto, não foi mapear trabalhos de pesquisa arqueológica sobre o Amapá, mas sim aqueles produzidos por pessoas que ali habitaram. É interessante que, com exceção de uma¹¹, todas as pessoas mapeadas escolheram desenvolver suas pesquisas sobre temas e contextos de dentro do estado. Esse levantamento, para mim, evidencia o movimento de qualificação que a arqueologia provocou localmente.

É muito interessante perceber que, desse conjunto de trabalhos acadêmicos, uma parcela muito expressiva é de pesquisas engajadas com as pessoas, que eu rotulei aqui como “arqueologias públicas” (Bezerra, 2003; Funari; Bezerra, 2013). Dos 29 trabalhos observados, 11 têm foco sobre questões relacionadas às arqueologias públicas, representando 38% do total (Figura 5). Este me parece um indicativo importante do quanto essas relações com as pessoas por meio da arqueologia geraram interesses de pesquisa, mostrando ainda como essa é uma parcela relevante da arqueologia feita na foz do Amazonas.

⁹ Para fins deste levantamento, o período contabilizado foi de 2003 a 2023, inaugurado pela dissertação de mestrado de Edinaldo Nunes Filho (2003), o primeiro trabalho de pós-graduação com pesquisa arqueológica no Amapá realizado por uma pessoa residente do Estado.

¹⁰ Destaco aqui a seleção feita entre as monografias desenvolvidas durante o curso de Especialização em Patrimônio Arqueológico da Amazônia, realizado na Universidade do Estado do Amapá entre 2010 e 2011, em que apenas aquelas realizadas por pessoas diretamente atuantes na Arqueologia foram contabilizadas.

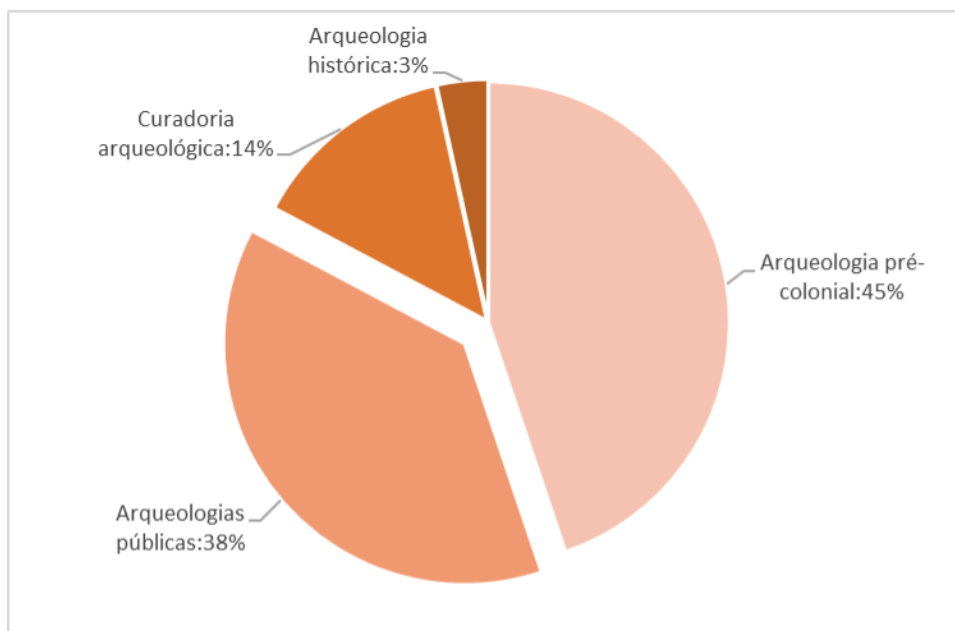
¹¹ Importante destacar que mesmo esta exceção (Santos, 2021b) se vincula com a história da região, pois é um trabalho focado na Ilha do Afuá (PA), que tem vínculos fortes com o Amapá.

Figura 4. Tabela da produção de pós-graduação 2003-2023. Levantamento de trabalhos de pós-graduação ligados à formação em Arqueologia, produzidos por pessoas residentes no Amapá.

Ano	Autoria	Título	Nível/Universidade	Tema
2003	Edinaldo Nunes Filho	Túmulos Pré-Históricos em Poço com Câmara, no Amapá: Caracterizadores Étnicos	Mestrado/UFPE	Arqueologia pré-colonial
2008	Alan Silva Nazaré	O Sítio Arqueológico AP-CA-18: Percepção e Narrativas de Alguns Moradores do Município de Calçoene- AP	Especialização/ UFPA	Arqueologias públicas
2010	Benedito W. de Souza da Silva	Paisagens Arqueológicas Koriabo do extremo sul do Amapá: Análise espacial intra-sítio no sítio arqueológico Laranjal do Jari I, Baixo Rio Jari, Amazônia Brasileira	Especialização/ UFPA	Arqueologia pré-colonial
	Edinaldo Nunes Filho	Condições Ecológicas de Ocupação Humana na Região do Amapari no Período Pré-Colonial	Doutorado/ UFPA	Arqueologia pré-colonial
2011	Anastácio da Silva Penha	“Caretas do Maracá”: em que caminhos procurar?	Especialização/UEAP	Arqueologias públicas
	Kleber de Oliveira Souza	Até onde vão as cicatrizes deixadas pelo tempo? Análise lítica da ocupação humana do Holoceno Médio e Tardio na bacia do Amapari/AP, Amazônia	Especialização/UEAP	Arqueologia pré-colonial
	Lúcio Flavio Siqueira Costa Leite	Interpretações sobre os “bonecos de barro” em Laranjal do Maracá, Amapá: uma perspectiva da arqueologia pública	Especialização/UEAP	Arqueologias públicas
	Michel Bueno Flores da Silva	Análise Tipológica e Espacial do Sítio Arqueológico AP-OI-06, Extremo Norte do Amapá	Especialização/UEAP	Arqueologia pré-colonial
2012	Daiane Pereira	Perspectivas da Curadoria Arqueológica: O caso do Laboratório de Arqueologia Peter Hilbert	Especialização/UEAP	Curadoria arqueológica
	Marcos Jessé Lopes da Silva	Forte Cumaú: uma abordagem histórica arqueológica de sua localização	Especialização/UEAP	Arqueologia histórica
	Maitena Hiriart	La culture Aristé, les sites mégalithiques et les puits funéraires en Amazonie brésilienne (Amapá)	Mestrado/Université Paris 1-Panthéon Sorbonne	Arqueologia pré-colonial
2013	Kleber de Oliveira Souza	Até onde vão as cicatrizes deixadas pelo tempo? Análise lítica da ocupação humana do Holoceno Médio e Tardio na bacia do Amapari/AP	Mestrado/UFPA	Arqueologia pré-colonial
2014	Lúcio Flavio Siqueira Costa Leite	Pedaços de pote, bonecos de barro e encantados em Laranjal do Maracá, Mazagão - Amapá: Perspectivas para uma Arqueologia Pública na Amazônia	Mestrado/UFPA	Arqueologias públicas
	Mariana Petry Cabral	No tempo das pedras moles: arqueologia e simetria na floresta	Doutorado/ UFPA	Arqueologias públicas
2015	Bruno de Souza Barreto	Diacronia e Cultura Material no Sítio Laranjal do Jari 01: Um assentamento associado às Cerâmicas Jari e Koriabo, Baixo Rio Jari, Sul do Amapá (670 – 1450 AD)	Mestrado/UFS	Arqueologia pré-colonial
	Daiane Pereira	Reserva Técnica Viva: Extroversão do Patrimônio Arqueológico no Laboratório de Arqueologia Peter Hilbert	Mestrado/UFS	Curadoria arqueológica
	Clarisse Callegari Jacques	Aqui já morou muita gente. Arqueologia e prática de pesquisa na Comunidade Quilombola de Cinco Chagas do Matapi	Doutorado/UFPA	Arqueologias públicas
2016	Avelino Gambin Jr	Corpo, Vida e Morte na Foz do Rio Amazonas: as estruturas funerárias do sítio Curiau Mirim IAP	Mestrado/UFRJ	Arqueologia pré-colonial
	Deyse França da Silva	Sobre as “pedras famosas de Calçoene”: reflexões a partir da arqueologia etnográfica na Amazônia	Mestrado/UFPA	Arqueologias públicas
	Fabício Costa Ferreira	Desde que me entendi: Tecendo saberes e fazeres relativos à louça da Comunidade Quilombola do Maruanum, Amapá/AP	Mestrado/UFPA	Arqueologias públicas
	Michel Bueno Flores da Silva	Aldeias e Organização Espacial dos Povos Produtores da Cerâmica Aristé: contribuições para a Arqueologia das Unidades Habitacionais da Costa Atlântica do Amapá	Mestrado/USP	Arqueologia pré-colonial
2017	Jelly Juliane Souza de Lima	Práticas de deposição na Amazônia antiga: as estruturas arqueológicas dos sítios Laranjal do Jari I e II do Sul no Amapá	Mestrado/UFRJ	Arqueologia pré-colonial
	João Darcy de Moura Saldanha	Poços, Potes e Pedras: Uma Longa História Indígena na Costa da Guayana	Doutorado/USP	Arqueologia pré-colonial
2019	Mario Junior Alves Polo	Corpo e Figuração na Arqueologia da Foz do Amazonas: uma abordagem pós-representacional aos conjuntos Maracá, Caviana e Cupixi	Doutorado/UFRJ	Arqueologia pré-colonial
2021	Queiton Carmo dos Santos	Quando Falam os Ancestrais: Arqueologia, etnografia, tempos e modos de conhecer na Ilha do Pará, Afuá, Foz do Rio Amazonas	Mestrado/UFMG	Arqueologias públicas
2023	Carla Daiane Matos dos Santos	Das cavernas do passado às vitrines no presente: Um estudo sobre os usos dos grafismos de cerâmicas arqueológicas Maracá e Aristé/Cunani em Macapá-Amapá	Mestrado/UFMG	Arqueologias públicas
	Márcia Miranda Silva	Gestão do Patrimônio Arqueológico: Um estudo a partir da Reserva Técnica do Museu Histórico Joaquim Caetano da Silva, Macapá – Amapá	Mestrado/ UNIVASF	Curadoria arqueológica
	Daiane Pereira	Curadoria Arqueológica na Amazônia Brasileira: Salvaguardando Mundos	Doutorado/UFMG	Curadoria arqueológica
	Michel Bueno Flores da Silva	Uma História De Longa Duração Na Terra Indígena Uaçá: Arqueologia, Paisagem e Memória na Costa Atlântica do Amapá	Doutorado/USP	Arqueologias públicas

Fonte: produzido pela autora.

Figura 5. Gráfico de distribuição dos trabalhos de pós-graduação por tema. Temas ligados às arqueologias públicas representam 38% do total de trabalhos observados.



Fonte: Gráfico produzido pela autora a partir dos dados da tabela acima.

Entre esses onze trabalhos, que abarcam desde monografias de especialização a teses de doutorado, desenvolvidos em instituições do Norte (UEAP e UFPA) e do Sudeste (USP e UFMG), é evidente um esforço na exploração de caminhos criativos e inovadores de engajamento, com experimentação de estratégias diversas para falar sobre arqueologia, assim como para criar conversas que entrelaçam¹² a arqueologia com outros saberes sobre o mundo e suas histórias, contadas e mantidas por pessoas de fora da academia. Para demonstrar isso, destaco alguns desses trabalhos.

Na pesquisa de mestrado de Lucio Costa Leite (2014), realizada na região do Igarapé do Lago (Município de Mazagão), ele desenvolve o trabalho a partir da relação estabelecida com as pessoas que habitam comunidades que são vizinhas dos famosos sítios arqueológicos Cavernas do Maracá (Guapindaia, 2008). Em colaboração com uma equipe profissional de cinema, Costa Leite produziu – como parte da pesquisa de mestrado – o documentário *Encantes: Histórias de Laranjal do Maracá* (2015). O audiovisual foi um caminho para registrar as histórias locais de modo acessível, ampliando sua visibilidade e permitindo um retorno à comunidade. De um modo muito potente, o filme desconstrói um imaginário romântico da arqueologia sobre as cavernas do Maracá, mostrando a vida da comunidade com suas múltiplas nuances, muito além de apenas vizinhos dos sítios arqueológicos.

Outra dissertação de mestrado que também fez uso de mídia audiovisual foi conduzida em Calçoene, por Deyse França da Silva (2016). Sua escolha, no entanto, foi pelo uso do audiovisual como ferramenta de engajamento, realizando sessões públicas de cinema e mini-cursos, criando uma colaboração com o Museu da Imagem e do Som, ligado à Secretaria de Cultura do Amapá (SECULT/AP). Deyse Silva desenvolveu ainda um projeto de extensão chamado Solstício das Artes, promovendo oficinas que incitavam as pessoas a falar sobre seus lugares de memória na cidade. Esta abordagem permitiu criar espaço para se falar sobre arqueologia e o sítio Rego Grande, o conjunto megalítico que ganhou muita

¹² Utilizo o verbo entrelaçar aqui em referência às sugestões de duas pesquisadoras indígenas da América do Norte (Sonya Atalay e Robin Kimmerer) sobre o trançar como um movimento possível de criar relações positivas entre conhecimento científico e conhecimento indígena (Atalay, 2019, 2020; Kimmerer, 2023).

visibilidade e atraiu muita atenção para a cidade de Calçoene (Cabral; Saldanha, 2009). Além disso, as oficinas permitiram o registro de outras histórias da cidade, contribuindo para uma compreensão local mais acurada sobre seus lugares de memória (Silva, 2016).

Outro trabalho que considero inovador na abordagem de engajamento foi conduzido pela arqueóloga Carla Matos dos Santos (2023), que se envolveu com artistas e designers de moda, em Macapá, que buscam na arqueologia inspiração para suas obras. Matos desenvolveu uma colaboração com profissionais da moda em que compartilhou o conhecimento arqueológico como uma consultora, ajudando o grupo não apenas a entender e conhecer mais o trabalho da arqueologia, mas também a criar modos de usá-lo com mais propriedade e consciência crítica. Esse tipo de colaboração aproxima as pessoas das histórias que a arqueologia pode contar, ajuda a mostrar que as peças arqueológicas não são só desenhos bonitos, e cerâmicas bem elaboradas, mas produtos de outras mãos artesãs, e são parte de uma história indígena antiga e pouco conhecida (Santos, 2023).

DO CENTRO: OUTROS FUTUROS PARA AS HISTÓRIAS DA AMAZÔNIA

Ao tomar esse foco sobre a trajetória da pesquisa arqueológica no Amapá, pensando sobre o papel social que a arqueologia exerce no Estado e seu engajamento local, há um aspecto muito relevante da disciplina que recebeu pouca atenção em publicações: as exposições. Esse aspecto da arqueologia é uma das ferramentas cruciais de construção de pontes entre a pesquisa acadêmica e a sociedade, engajando os acervos e suas histórias com a dinâmica social (Wichers; Ribeiro; Bruno, 2023).

A partir da atuação do IEPA, instituição a qual eu pertenci por 11 anos e com a qual sigo colaborando, destaco a relevância das exposições temporárias, que ao longo destas últimas duas décadas promoveram encontros com públicos muito diversos e localizados nas várias regiões do estado. Desde 2008, quando o setor de arqueologia do IEPA recebeu um espaço próprio de pesquisa, a sala de entrada no prédio foi designada como espaço expositivo (Cabral; Saldanha; Pereira, 2012). Projetos de pesquisa em diferentes regiões do estado amplificaram esse espaço, promovendo exposições em eventos, escolas, comunidades e instituições parceiras e ao menos uma exposição itinerante (Costa Leite; Cabral; Nazaré, 2017). Paralelamente, outras instituições ligadas à pesquisa arqueológica no estado também exploraram o potencial expositivo de acervos arqueológicos, como o Museu Joaquim Caetano da Silva e o Centro de Estudos e Pesquisas Arqueológicas da UNIFAP (CEPAP), além da atuação mais recente do Museu de Arqueologia e Etnologia (MAE-AP).

Nas exposições existe algo muito precioso da pesquisa arqueológica, que é a síntese de resultados do intenso trabalho de campo e de laboratório. O chão de fábrica da arqueologia fornece o substrato para montarmos exposições que sejam atraentes para o público e honestas com o conhecimento que produzimos. Elas permitem e demandam um esforço crítico de sistematização e de tradução, atuando em um espaço sensível entre o mundo acadêmico e a sociedade. Ao acompanhar esses exercícios de extroversão no IEPA, seja no período em que residi no estado, seja como uma colaboradora eventual nos últimos anos, me parece muito evidente que as pessoas de fora da academia são animadas pelas nossas narrativas e – se criarmos espaços para escutar suas falas – têm outras narrativas para nos ensinar.

É evidente que a arqueologia também faz uso de outros meios e espaços para circular as histórias que produzimos, como artigos científicos, apresentações em eventos, e mesmo salas de aula, cursos e oficinas. Esses são espaços em que temos ampla experiência na troca de ideias com colegas, escutando e elaborando críticas e reflexões sobre as histórias que construímos, o que contribui para avaliarmos os rumos que escolhemos seguir. Essa é uma parte fundante do nosso treinamento em arqueologia e da nossa formação básica como pesquisadores.

Mas o que acontece se usarmos essa mesma atenção, que dispensamos a colegas, para escutar o que outras pessoas que não circulam nos eventos de arqueologia, que não participam do nosso cotidiano acadêmico, têm para nos dizer? (Bezerra, 2017; Hartemann, 2022; Mageste; Amaral, 2022) Algo que me parece evidente, e que logo percebemos ao nos engajarmos com as pessoas que estão

em volta dos sítios, dos projetos, e mesmo das nossas instituições, é que suas histórias raramente aparecem em nossas histórias.

No caso do Amapá, um exemplo óbvio está na vida ribeirinha, que praticamente inexistente nas nossas narrativas arqueológicas. São histórias que a arqueologia historicamente não tem contado. Pesquisas como as desenvolvidas por Juliana Salles Machado (2012, 2014) e Queiton Carmo dos Santos (2021b, 2021c), atentas às pessoas moradoras das ilhas na Foz do Amazonas, mostraram como a paisagem ribeirinha é repleta de marcas materiais. Apesar disso, a história dessas populações continua apagada em nossas pesquisas, como se elas não deixassem rastros.

De modo similar, a história do povo negro no Amapá é quase inexistente na nossa arqueologia. Foi apenas recentemente que isso começou a mudar, com um esforço original de pesquisa de Lucio Costa Leite, voltado a engajar a arqueologia com a história negra no Amapá (Costa Leite, 2020), e de Jelly Lima *et al.* (2024), buscando mapear a emergência de histórias negras na Vilha Velha do Cassiporé, extremo norte do estado. Observando o histórico de pesquisas de arqueologia histórica desenvolvidas no Estado, fica evidente que a presença negra recebeu pouca atenção. Eu mesma coordenei, junto com João Saldanha, pesquisas em sítios históricos no Amapá. Nós conseguimos mostrar como havia indígenas participando ativamente da vida colonial junto com europeus de diferentes nacionalidades (Juliani; Saldanha; Cabral, 2009; Saldanha *et al.*, 2013), porém não fomos capazes de ver a presença negra, deixando essa história silenciada.

As histórias que contamos por meio da arqueologia não constroem apenas narrativas sobre o passado, elas também são responsáveis pela construção de realidades no presente. A ausência de grupos populacionais inteiros nas nossas histórias priva essas pessoas de participarem do mundo científico, e isso impacta não só o presente, mas também nossos planos de futuro (Harrison, 2016; Harrison *et al.*, 2020). Dialogo, aqui, com as reflexões engajadas com o afrofuturismo, um movimento afrocentrado que trama arte e reflexão crítica na defesa de futuros plenos para o povo preto (Freitas; Messias, 2018), e remeto – dentro da arqueologia – ao trabalho poderoso que Lara de Paula Passos tem feito nos provocando a pensar sobre os limites entre linguagens artísticas e acadêmicas (De Paula; Rez, 2021; Passos, 2023).

A arqueologia também precisa agir ativamente para mobilizar essa ideia radical de que povos diversos, e não só o mundo branco, vão existir no futuro, e existir plenamente, não só com o corpo, mas também com suas práticas e seus conhecimentos. Mobilizar essa ideia, por meio da arqueologia, é também assumir a relevância das narrativas que a gente constrói sobre o passado. As narrativas importam, a arqueologia importa.

O caminho de reposicionar as narrativas da arqueologia no Amapá, sair da visão de ilha e olhar para essa história desde dentro é também um modo de levar a sério a existência de múltiplas histórias, de múltiplos povos, de múltiplos mundos. Nesse sentido, a concepção de pluriverso proposta por Marisol de la Cadena e Mario Blaser oferece um caminho de ação (De La Cadena; Blaser, 2018). O pluriverso abre a nossa atenção para a existência de diversos mundos¹³, criando uma chave conceitual para expandirmos nossa imaginação. Isso permite um caminho para a construção de conhecimentos eticamente responsáveis e comprometidos não apenas com as histórias das comunidades e dos povos, mas sobretudo com a manutenção de suas existências plenas no presente e no futuro¹⁴.

Nós já passamos muito tempo contando as histórias do Amapá a partir de fora, olhando como se fosse uma ilha, fazendo caber na imaginação do mundo branco. Agora é preciso trabalhar para a reparação e nos engajarmos com a existência plena dos mundos que sistematicamente silenciamos nas

¹³ A potência desse conceito está na proposição que esses mundos não partilham as mesmas bases ontológicas do mundo moderno ocidental. Isso é importante para não confundirmos discursos sectaristas da nossa sociedade (como grupos anti-ciência) com a existência de mundos outros.

¹⁴ Um esforço recente nesse sentido foi iniciado por Daiane Pereira, ao defender que os acervos arqueológicos precisam garantir a salvaguarda não apenas de peças, mas de mundos (Pereira, 2023).

nossas narrativas. Busquei apresentar aqui que já existe um caminho para fazermos essas arqueologias desde dentro, com as pessoas, em que cada história está no centro de seu próprio mundo. Remota é a imaginação colonial, não o Amapá.

AGRADECIMENTOS

Dedico este texto a Lailson Camelo da Silva, “Seu Garrafinha”, o maior contador de histórias sobre o sítio Rego Grande. Sua partida em Julho de 2024 deixa um vazio difícil de ser preenchido. Obrigada, Garrafinha, suas histórias seguirão contadas. A elaboração desse texto só foi possível pela generosidade de tantas pessoas que têm participado da minha vida e me ensinado a ver o reflexo que existe no espelho; sou grata por termos caminhos cruzados, partilhados, confluentes. Este texto surgiu a partir do convite da Comissão Organizadora da Reunião da SAB Norte para que eu realizasse a conferência de abertura, em setembro de 2023. Agradeço profundamente a Lucio Costa Leite, Daiane Pereira e Alan Nazaré pelo convite, pela confiança e pelos cuidados na realização da conferência. Ao IEPA e à equipe diversa e ativa do Núcleo de Pesquisa Arqueológica sou grata pelas partilhas, aprendizados e construções coletivas viabilizadas ao longo desses anos. Agradeço também a amigas e colegas que me inspiram, motivam, provocam e cotidianamente me ensinam a viver: Marcia Bezerra, Gabby Omoni Hartemann, Marina Costa, Daiane Pereira, Lara de Paula, Lucio Costa Leite, José Alberione, Andrei Isnardis. As ideias aqui presentes foram gestadas durante um período de afastamento da UFMG, em que estive na Brown University (Estados Unidos) como Professora Visitante Junior (Bolsa CAPES/PrInt – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Código de Financiamento 001). Agradeço igualmente ao CNPq pelo apoio por meio de Bolsa de Produtividade em Pesquisa (PQ2). Também agradeço a generosidade de duas pessoas que elaboraram pareceres anônimos para este texto, contribuindo para refinar algumas ideias e sugerindo caminhos para outras reflexões. Os limites, vieses e contradições são de minha inteira responsabilidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- ALBUQUERQUE, Marcos. Arqueologia da Fortaleza de São José de Macapá. *Revista DaCultura*, Ano VIII, n. 14, 2008.
- ALBUQUERQUE, Marcos; LUCENA, Veleda. Uma vila pombalina na Amazônia: Mazagão Velho em uma perspectiva arqueológica. Curitiba: CRV, 2020.
- AMAPÁ. Programa Estadual de Preservação do Patrimônio Arqueológico. Decreto nº 1.508, de 8 de março de 2005.
- ATALAY, Sonya. Braiding strands of wellness: how repatriation contributes to healing through embodied practice and storywork. *The Public Historian*, v. 41, n. 1, p. 78–89, 2019.
- ATALAY, Sonya. Indigenous science for a world in crisis. *Public Archaeology*, v. 19, n. 1-4, p. 37-52, 2020.
- BARRETO, Bruno. *Diacronia e cultura material no Sítio Laranjal do Jari 01: um assentamento associado às cerâmicas Jari e Koriabo, Baixo Rio Jari, Sul do Amapá (670 – 1450 AD)*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2015.
- BATTLE-BAPTISTE, Whitney. *Black feminist archaeology*. Walnut Creek: Left Coast Press, 2011.
- BENTO, Cida. *O pacto da branquitude*. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.
- BEZERRA, Marcia. O público e o patrimônio arqueológico: reflexões para a arqueologia pública no Brasil. *Habitus*, Goiânia, v. 1, n. 2, p. 275-296, 2003.

- BEZERRA, Marcia. *Teto e afeto: sobre as pessoas, as coisas e a arqueologia na Amazônia*. Belém: GK Noronha, 2017.
- BISPO DOS SANTOS, Antônio. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora; Belo Horizonte: Piseagrama, 2023.
- BOOMERT, Arie. Koriabo and the polychrome tradition: the late-prehistoric era between the Orinoco and Amazon mouths. In: DELPUECH, André; HOFMAN, Corinne. (ed). *Late ceramic age societies in the Eastern Caribbean*. Paris: BAR, 2004.
- BRUM, Eliane. *Banheiro Ôkôtô: Uma viagem à Amazônia Centro do Mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Museologia: entre abandono e destino. *Museologia & Interdisciplinaridade*, [S. l.], v. 9, n. 17, p. 19-28, 2020.
- CABRAL, Mariana Petry. Juntando cacos: uma reflexão sobre a classificação da fase Koriabo no Amapá. *Amazônica Revista de Antropologia*, v. 3, n. 1, p. 88-106, 2011.
- CABRAL, Mariana Petry. *No tempo das pedras moles: arqueologia e simetria na floresta*. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.
- CABRAL, Mariana Petry; PEREIRA, Daiane; BEZERRA, Marcia. Patrimônio arqueológico da Amazônia: a pesquisa, a gestão e as pessoas. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, v. 38, p. 247-268, 2018.
- CABRAL, Mariana Petry; SALDANHA, João Darcy de Moura. Paisagens megalíticas na costa norte do Amapá. *Revista de Arqueologia*, [S. l.], v. 21, n. 1, p. 9-26, 2008.
- CABRAL, Mariana Petry; SALDANHA, João Darcy de Moura. Um sítio, múltiplas interpretações: o caso do chamado “Stonehenge do Amapá”. *Revista de Arqueologia*, [S. l.], v. 22, n. 1, p. 115-123, 2009.
- CABRAL, Mariana Petry; SALDANHA, João Darcy de Moura. Ocupações pré-coloniais no setor costeiro atlântico do Estado do Amapá. In: PEREIRA, Edith; GUAPINDAIA, Vera (ed). *Arqueologia Amazônica*. Belém: MPEG/ IPHAN/ SECULT, 2010. p. 49-60. v. 1.
- CABRAL, Mariana Petry; SALDANHA, João Darcy de Moura. Sobre a fluidez do concreto: refletindo sobre pessoas e objetos em alguns projetos de arqueologia no Estado do Amapá, Brasil. *MÉTIS: História & Cultura*, [S. l.], v. 8, n. 16, p. 217-228, jul.-dez., 2011.
- CABRAL, Mariana Petry; SALDANHA, João Darcy de Moura. Sítios megalíticos em Guayana oriental. In: ROSTAIN, Stéphen; BETANCOURT, Carla Jaimes (ed.). *Las Siete Maravillas de la Amazonía precolombina*. Bonn: Bonner Altamerika-Sammlung und Studien: Plural Editores, 2017. p. 137-151.
- CABRAL, Mariana Petry; SALDANHA, João Darcy de Moura.; PEREIRA, Daiane. Dossiê Arqueologia e socialização na implantação de um centro de pesquisa no Amapá. Vencedor do Prêmio Rodrigo Melo de Andrade, categoria Proteção do Patrimônio Natural e Arqueológico. Macapá: IEPA, 2012.
- CANTUÁRIA, Augusto. Maracá e Cunani: o Amapá revelando sua identidade. *SEBRAE/AP*, Macapá, 2006.
- CAPIBERIBE, João Alberto. A vanguarda de um pensamento – entrevista a Simone Maria de Jesus. In: OLIVEIRA, Augusto; JESUS, Simone Maria de (org.). *Museu Sacaca: um museu de grandes novidades*. Macapá: IEPA, 2013, p. 11-20.
- CARNEIRO DA CUNHA, Manuela. Questões suscitadas pelo conhecimento tradicional. *Revista de Antropologia*, São Paulo, v. 55, n. 1, p. 439-464, 2012.

- CATANACH, Samuel Villareal; AGOSTINI, Mark R. Toward the center: movement and becoming at the Pueblo of Pojoaque. *In*: DUWE, Samuel; PREUCCEL, Robert W. (ed). The continuous path: pueblo movement and the archaeology of becoming. Tucson: The University of Arizona Press, 2019, p. 222-241.
- COIROLLO, Alicia Durán. Salvamento arqueológico no município de Calçoene. Relatório datiloscrito. Belém: Museu Paraense Emilio Goeldi, 1996.
- COSTA LEITE, Lúcio Flávio Siqueira. *Interpretações sobre os “bonecos de barro” em Laranjal do Maracá, Amapá: uma perspectiva da arqueologia pública*. Monografia (Especialização em Patrimônio Arqueológico da Amazônia), Universidade do Estado do Amapá, Macapá, 2011.
- COSTA LEITE, Lúcio Flávio Siqueira. *Pedaços de pote, bonecos de barro e encantados em Laranjal do Maracá, Mazagão, Amapá: perspectivas para uma arqueologia pública na Amazônia*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2014.
- COSTA LEITE, Lúcio Flávio Siqueira. *Uma Amazônia Negra: Arqueologia e Encantaria no Sul do Amapá*. Resumo de Apresentação. Reunião da SAB Nordeste 2020. João Pessoa, SAB Nordeste, 2020.
- COSTA LEITE, Lúcio Flávio Siqueira; CABRAL, Mariana Petry; NAZARÉ, Alan S. Exposição “A Arqueologia sob nossos pés – Conhecendo o Patrimônio do nosso Estado”. Macapá: IEPA, 2017.
- COUDREAU, Henri Anatole. *La France Équinoxiale: Études sur les Guyanes et l’Amazonie*. Paris: Challamel Ainé Éditeur, 1886. v. 1.
- COUDREAU, Henri Anatole. *La France Équinoxiale: Voyage à travers les Guyanes et l’Amazonie*. Paris: Challamel Ainé Éditeur, 1887. v. 2.
- DE LA CADENA, Marisol; BLASER, Mario. Pluriverse proposals for a world of many worlds. *In*: DE LA CADENA, Marisol; BLASER, Mario (ed.). *A world of many worlds*. Durham: Duke University Press, 2018, p. 1-22.
- DE PAULA, Lara; REZ, Will. *Por um fio*. São Paulo: Editora Kitembo Edições Literárias do Futuro, 2021.
- ENCANTES: Histórias de Laranjal do Maracá. Direção: Cassandra Oliveira. Produção: Lucio Costa Leite. Macapá: IctusAudio Produtora, 2015.
- ESBELL, Jaider. Makunaima, o meu avô em mim! *Iluminuras*, Porto Alegre, v. 19, n. 46. p. 11-39, 2018.
- ESBELL MAKUXI, Jaider. Autodecolonização – uma pesquisa pessoal no além coletivo. *Cadernos do Lepaarq*, v. XIX, n. 37, p. 17-25, 2022.
- ESTRADAS cortam ou se aproximam de 41% da área de floresta na Amazônia, mostra mapeamento inédito. *IMAZON*, 2022. Disponível em: <https://imazon.org.br/imprensa/estradas-cortam-ou-se-aproximam-de-41-da-area-de-floresta-na-amazonia-mostra-mapeamento-inedito/>. Acesso em: 11 nov. 2024.
- EVANS, Clifford. *The archaeology of the Territory of Amapá, Brazil (Brazilian Guiana)*. Tese (Doutorado em Antropologia) – Columbia University, New York, 1950.
- EXPEDIÇÃO encontra restos de caça e coleta perto de Macapá. Belém, *O Liberal*, 15 fev. 1989, ed. 22.216.
- FERREIRA DA SILVA, Denise. *Homo modernus: para uma ideia global de raça*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2022.
- FERREIRA PENNA, Domingos Soares. Urnas do Maracá. *Archivos do Museu Nacional*, v. 2, Rio de Janeiro, p. 69-71, 1879.
- FERREIRA, Fabrício Costa. “Desde que me entendi”: tecendo saberes e fazeres relativos à louça da Comunidade Quilombola do Maruanum, Amapá/AP. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

- FREITAS, Kênia; MESSIAS, José. O futuro será negro ou não será: Afrofuturismo versus Afropessimismo – as distopias do presente. *Revista Imagofagia*, v. 17, p. 402-424, 2018.
- FUNARI, Pedro Paulo; BEZERRA, Marcia. Arqueologia pública na América Latina. In: MACHADO, Gerson; SOUZA, Flávia Cristina Antunes de; STEINBACH, Judith (ed.). *Educação patrimonial e arqueologia pública: experiências e desafios*. Itajaí: Casa Aberta, 2013, v. 1, p. 75-99.
- GALLOIS, Dominique Tilkin. *Migração, guerra e comércio: os Waiapi na Guiana*. São Paulo: FFLCH/USP, 1986.
- GALLOIS, Dominique Tilkin (ed.). *Redes de relações nas Guianas*. São Paulo: Humanitas, 2005.
- GAMBIN JR., Avelino. *Corpo, Vida e Morte na Foz do Rio Amazonas: as estruturas funerárias do sítio Curiau Mirim I/AP*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.
- GLISSANT, Édouard. *El discurso antillano*. La Habana: Fondo Editorial Casa de las Américas, 2010.
- GOELDI, Emílio Augusto. Relatório sobre uma missão ethnographica e archeologica aos rios Maracá e Anauerá-Pucú (Guyana Brasileira), realizada pelo Tenente-Coronel Aureliano Pinto L. Guedes. *Boletim do Museu Paraense de História Natural e Ethnographia*, Belém, v. 2, n. 4, p. 42-64, 1898.
- GOELDI, Emílio Augusto. Excavações archeologicas em 1895. 1ª parte: as cavernas funerarias atificiaes dos indios hoje extinctos no rio Cunany (Goanany) e sua ceramica. Belém: Museu Paraense de História Natural e Ethnographia, 1905.
- GÓES, Waldez. Identidade Fortalecida. In: SEBRAE/AP. *O legado das civilizações Maracá e Cunani: o Amapá revelando sua identidade*. Macapá: SEBRAE/AP, 2006. p. 5.
- GREEN, Lesley; GREEN, David. From chronological to spatio-temporal histories: mapping heritage in Arukwa, Área Indígena do Uaçá, Brazil. *Anthropology Southern Africa*, v. 27, n. 1-2, p. 19-26, 2004.
- GREEN, Lesley; GREEN, David. *Knowing the day, knowing the world: engaging Amerindian thought in public archaeology*. Tucson: University of Arizona Press, 2013.
- GREEN, Lesley; GREEN, David; NEVES, Eduardo Góes. Indigenous knowledge and archaeological science: the challenges of public archaeology in the Reserva Uaçá. *Journal of Social Archaeology*, [S. l.], v. 3, n. 3, p. 365-397, 2003.
- GUAPINDAIA, Vera. Relatório de viagem à Macapá e Calçoene. Belém: Museu Paraense Emilio Goeldi, 1997.
- GUAPINDAIA, Vera. Práticas Funerárias na região do Igarapé do Lago, rio Maracá, Amapá: considerações preliminares. *CLIO*, Recife, v. 1, n. 14, p. 55-66, 2000.
- GUAPINDAIA, Vera. Prehistoric Funeral Practices in the Brazilian Amazon: The Maracá Urns. In: SILVERMAN, Helaine; ISBELL, William. *Handbook of South American Archaeology*. New York: Springer, 2008, p. 1005-1026.
- GUAPINDAIA, Vera; MACHADO, Ana Lúcia. O potencial arqueológico da região do Rio Maracá, Igarapé do Lago (AP). *Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi – Série Antropologia*, Belém, v. 13, n. 1, p. 67-102, 1997.
- HABER, Alejandro; GARDENAL, Guillermo. Sacha: territorio, conocimiento, relación. *Otros Logos – Revista de Estudios Críticos*, n. 11, ano 10, p. 38-59, 2020.
- HARRISON, Rodney. Archaeologies of emergent presents and futures. *Historical Archaeology*, v. 50, n. 3, p. 165-180, 2016.

- HARRISON, Rodney; DESILVEY, Caitlin; HOLTORF, Cornelius; MACDONALD, Sharon; BARTOLINI, Nadia; BREITHOFF, Esther; FREDHEIM, Harald; LYONS, Antony; MAY, Sarah; MORGAN, Jennie; PENROSE, Sefryn. *Heritage futures: comparative approaches to natural and cultural heritage practices*. London: UCL Press, 2020.
- HARTEMANN, Gabby Omoni. Escavando a violência colonial: arqueologia griótica e engajamento comunitário na Guiana. *Cadernos do Lepaarq*, v. 19, n. 37, p. 142-191, 2022.
- HARTEMANN, Gabby Omoni; MORAES, Irislane Pereira de. Contar histórias e caminhar com ancestrais: por perspectivas afrocentradas e decoloniais na arqueologia. *Vestígios – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, [S. l.], v. 12, n. 2, p. 9-34, 2018.
- HILBERT, Klaus Peter; BARRETO, Mauro Viana. *Relatório de viagem do projeto arqueológico de levantamento de sítios pré-cerâmicos no rio Maracá-AP*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1988.
- HIRIART, Maitena. La culture Aristé, les sites mégalithiques et les puits funéraires en Amazonie brésilienne (Amapá). Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Université Paris 1 – Panthéon-Sorbonne, Paris, 2012.
- JÁCOME, Camila; PY-DANIEL, Anne Rapp; PRESTES-CARNEIRO, Gabriela; SHOCK, Myrtle Pearl; MORAES, Claide de Paula; AMARAL, Márcio; BARBOZA, Myrian Sá Leitão; ROCHA, Bruna; HONORATO DE OLIVEIRA, Vinicius; SANTOS PINTO, Elaine dos. Pluralidade dos acervos epistêmicos na Amazônia: história, gestão e desafios do Laboratório de Arqueologia Curt Nimuendajú (UFOPA). *Revista de Arqueologia*, [S. l.], v. 33, n. 3, p. 306-329, 2020.
- JACQUES, Clarisse Callegari. “Aqui já morou muita gente”. Arqueologia e prática de pesquisa na Comunidade Quilombola de Cinco Chagas do Matapi. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará, 2015.
- JULIANI, Lúcia; SALDANHA, João Darcy de Moura; CABRAL, Mariana Petry. *Programa Arqueológico de Prospecção, Resgate e Educação Patrimonial: Ponte Internacional sobre o Rio Oiapoque, na BR-156*. São Paulo: A Lasca; Macapá: IEPA, 2009.
- KIMMERER, Robin Wall. A maravilhosa trama das coisas: sabedoria indígena, conhecimento científico e os ensinamentos das plantas. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2023.
- KRENAK, Ailton; MOREIRA, Adriano de Lavor. “Ser índio deixou de ser sinônimo de escondido no mato”: uma conversa sobre visibilidade com Ailton Krenak. [Entrevista cedida a] Adriano de Lavor Moreira. *Revista de Antropologia*, v. 65, n. 3, e202285, 2022.
- LIMA, Helena Pinto; BARRETO, Cristiana. Uma nova política para um antigo acervo: a redescoberta das coleções arqueológicas do Museu Goeldi. *Revista de Arqueologia*, v. 33, n. 3, p. 43-62, set./dez, 2020.
- LIMA, Jelly Juliane Souza de. *Práticas de deposição na Amazônia tardia: as estruturas arqueológicas dos sítios Laranjal do Jari I e II do Sul do Amapá*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.
- LIMA, Jelly Juliane Souza de; GAMBIM JR., Avelino; BARROS, Leitécia Pinheiro; CARNEIRO, Kathelin Thayssa Mendonça. A emergência da história negra por meio do projeto Memórias da Terra: patrimônio arqueológico da comunidade de Vila Velha do Cassiporé. *Revista de Arqueologia*, [S. l.], v. 37, n. 2, p. 265-269, 2024.
- LINNÉ, S. Les recherches archéologiques de Nimuendajú au Brésil. *Journal de la Société des Américanistes*, v. 20, p. 71-91, 1928.
- LOPES DA SILVA, Marcos Jessé. Forte Cumaú: uma abordagem histórica arqueológica de sua localização. Monografia (Especialização em Patrimônio Arqueológico da Amazônia), Universidade do Estado do Amapá, Macapá, 2011.

- MACHADO, Ana Lucia da Costa. *Relatório do salvamento arqueológico no sítio AP-MA-5: Campus Universitário, Macapá*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1997.
- MACHADO, Juliana Salles. *Lugares de gente: mulheres, plantas e redes de troca no delta amazônico*. Tese (Doutorado em Antropologia) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.
- MACHADO, Juliana Salles. Ilha Caviana: sobre as suas paisagens, tempos e transformações. *Amazônica: Revista de Antropologia*, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 283-313, 2014.
- MAGESTE, Leandro Elias; AMARAL, Alencar de Miranda. As arqueologias afetivas na produção discente da Universidade Federal do Vale do São Francisco: desdobramentos históricos e interfaces teóricas na construção da Arqueologia no Sudeste e Sudoeste do Piauí. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, v. 17, p. 1-33, 2022.
- MEGGERS, Betty J.; EVANS, Clifford. Archaeological investigations at the mouth of the Amazon. *Bulletin of the Bureau of American Ethnology*, n. 167, p. 1-664, 1957.
- MIGEON, Gérald (ed.). *Un pont sur l'Oyapock: guide de l'exposition*. Cayenne: MEEDT: DRAC: DEAL, 2011.
- MILLION, Tara. Developing an Aboriginal archaeology: receiving gifts from the White Buffalo Calf Woman. In: SMITH, Claire; WOBST, Hans Martin (ed.). *Indigenous archaeologies: decolonizing theory and practice*. New York: Routledge, 2005. p. 39-51.
- MIRANDA DA SILVA, Márcia. *Gestão do Patrimônio Arqueológico: um estudo a partir da Reserva Técnica do Museu Histórico Joaquim Caetano da Silva, Macapá – Amapá*. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal do Vale do São Francisco, Petrolina, 2023.
- MOMBAÇA, Jota. *Não vão nos matar agora*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.
- NAZARÉ, Alan Silva. O sítio arqueológico AP-CA-18: percepção e narrativas de alguns moradores do município de Calçoene-AP. Monografia (Especialização em Arqueologia), Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.
- NEVES, Eduardo Góes. *Sob os tempos do equinócio: oito mil anos de história na Amazônia Central*. São Paulo: Ubu: Edusp, 2022.
- NIMUENDAJÚ, Curt. *Cartas do sertão: de Curt Nimuendajú para Carlos Estevão de Oliveira*. Lisboa: Assírio & Alvim: Museu Nacional de Etnologia, 2000.
- NIMUENDAJÚ, Curt. In Pursuit of a Past Amazon – Archaeological Researches in the Brazilian Guyana and in the Amazon Region. In: STENBORG, Per (ed.); NIMUENDAJÚ, Curt. *In pursuit of a past Amazon: archaeological researches in the Brazilian Guyana and in the Amazon Region*. Göteborg: Ethnological Studies, 2004.
- NOVAES, Luciana de Castro Nunes. Arqueologia do Axé: o Exu submerso e a paisagem sagrada. *Vestígios – Revista Latino-Americana De Arqueologia Histórica*, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 74-94, 2022.
- NUNES FILHO, Edinaldo Pinheiro. *Túmulo pré-histórico em poço com câmara, no Amapá: caracterizadores étnicos*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2003.
- NUNES FILHO, Edinaldo. *Condições ecológicas de ocupação humana na região do Amapari no Período Pré-Colonial*. Tese (Doutorado em Altos Estudos Amazônicos) – Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, 2010.
- PARDI, Maria Lucia; SILVEIRA, Odete F. M. Amapá: Gestão do Patrimônio Arqueológico e o Programa Estadual de Preservação. In: XIII Congresso da SAB: arqueologia, patrimônio e turismo. Campo Grande: Ed. Oeste, 2005.

- PASSOS, Lara de Paula. Prospectando a ciência, sondando arqueopoéticas: a linguagem como campo de disputa política em arqueologia. *Vestígios – Revista Latino-Americana de Arqueologia Histórica*, [S. l.], v. 17, n. 2, p. 193–218, 2023.
- PENHA, Anastácio da Silva. “*Caretas do Maracá*”: em que caminhos procurar? Monografia (Especialização em Patrimônio Arqueológico da Amazônia), Universidade do Estado do Amapá, Macapá, 2011.
- PEREIRA, Daiane. Perspectivas da curadoria arqueológica: o caso do Laboratório de Arqueologia Peter Hilbert. Monografia (Especialização em Patrimônio Arqueológico da Amazônia), Universidade do Estado do Amapá, Macapá, 2012.
- PEREIRA, Daiane. “Reserva técnica viva”: extroversão do Patrimônio Arqueológico no Laboratório de Arqueologia Peter Hilbert. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2015.
- PEREIRA, Daiane. Extroversão do patrimônio arqueológico salvaguardado: reserva técnica do Laboratório de Arqueologia Peter Hilbert. *Revista Arqueologia Pública*, Campinas, v. 11, n. 2, p. 66-82, 2017.
- PEREIRA, Daiane. O “roubo das urnas”: a relação do patrimônio arqueológico salvaguardado e os coletivos humanos. *Revista Habitus*, Goiânia, v. 17, n. 1, p. 39-52, 2019.
- PEREIRA, Daiane. Curadoria arqueológica na Amazônia Brasileira: salvaguardando mundos. Tese (Doutorado em Antropologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, 2023.
- PEREIRA, Daiane; CABRAL, Mariana P. Por uma biografia curatorial: o gerenciamento das coleções no Núcleo de Pesquisa Arqueológica do IEPA. In: CANTUÁRIA, Patrick de Castro; GAMA, Cecile de Souza; COSTA LEITE, Lúcio Flávio Siqueira (ed.). *Coleções Científicas do Amapá: Arqueologia, cartografia e geologia*. Instituto de Pesquisas Científicas e Tecnológicas do Estado do Amapá. Macapá: IEPA, 2021, p. 22-32. v. 2.
- PEREIRA, Edithe. Três sítios com arte rupestre no Amapá, Brasil. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, n. 14, p. 367-377, 2004.
- PEREIRA, Edithe; KERN, Dirce Clara; VERÍSSIMO, César U. V. Nota sobre o salvamento arqueológico do sítio AP-MA-03: Pacoval, Macapá, AP. *Arqueologia* (CEPA-UFPR), Curitiba, v. 5, n. 1, p. 55-67, 1986.
- POLO, Mario Junior Alves. Corpo e Figuração na Arqueologia da Foz do Amazonas: uma abordagem pós-representacional aos conjuntos Maracá, Caviana e Cupixi. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.
- PORRO, Antonio. *O povo das águas: ensaios de etno-história amazônica*. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Edusp, 1996.
- PREUCEL, Robert W.; DUWE, Samuel. Introduction: engaging with pueblo movement. In: DUWE, Samuel; PREUCEL, Robert W. (ed.). *The continuous path: pueblo movement and the archaeology of becoming*. Tucson: The University of Arizona Press, 2019, p. 1-33.
- ROCHA, Bruna Cigaran da; OLIVEIRA, Vinicius Eduardo Honorato de. Historical ecology as an instrument in defence of forest peoples: reflections from the Tapajós River, Brazil. In: ODONNE, Guillaume; MOLINO, Jean-François. (ed.). *Methods in historical ecology: insights from Amazonia*. Londres: Routledge, v. 1, 2020. p. 153-161.
- ROSTAIN, Stephen. L’occupation amérindienne ancienne du littoral de Guyane. Tese (Doutorado em Arqueologia), Centre de Recherche en Archaeologie Precolombienne, Université Paris I, Paris, 1994.
- ROSTAIN, Stéphen. Que hay de nuevo al norte: apuntes sobre el Ariste. *Revista de Arqueologia*, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 10-31, 2011.

- SALDANHA, João Darcy de Moura. Poços, potes e pedras: uma longa história indígena na costa da Guayana. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.
- SALDANHA, João Darcy de Moura; CABRAL, Mariana Petry. Núcleo de Pesquisas Arqueológicas do IEPA: um balanço da sua contribuição ao Estado do Amapá nos seus sete anos de existência. In: OLIVEIRA, Augusto; GAZEL, Larissa (org.). *IEPA: Contribuições para o desenvolvimento sustentável no Amapá*. Macapá: GEA/IEPA, 2012. p. 81-93.
- SALDANHA, João Darcy de Moura; CABRAL, Mariana Petry. On change and exchange: a review of Koriabo contexts and concepts in the Eastern Guianas. In: BARRETO, Cristiana; LIMA, Helena; ROSTAIN, Stéphen; HOFMAN, Corinne (ed.). *Koriabo: from the Caribbean Sea to the Amazon River*. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2021, p. 97-120.
- SALDANHA, João Darcy de Moura; CABRAL, Mariana Petry; MARQUES, Fernando Tavares; CANTUÁRIA, Eloane; LOPES DA SILVA, Marcos; VASCONCELOS, José Ricardo; COMPANY, Zeli; OLIVEIRA, Augusto; PIMENTEL, Adriana; PEREIRA, Daiane; BARRETO, Bruno. *Projeto de Pesquisa Histórica e Arqueológica para Identificação do Forte Cumaú* – Relatório Final: Referente ao Contrato nº 05/2012 de Prestação de Serviços Técnicos Especializados de Pesquisa Histórica e Arqueológica para Identificação do Forte Cumaú. Macapá: IEPA/IPHAN, 2013.
- SANDLIN, Jennifer A.; BEY, III, George J. Trowels, trenches and transformation: a case study of archaeologists learning a more critical practice of archaeology. *Journal of Social Archaeology*, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 255-276, 2006.
- SANJAD, Nelson; SILVA, João Batista Poça da. Três contribuições de Emílio Goeldi (1859-1917) à arqueologia e etnologia amazônica. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi*, Belém, v. 4, n. 2, p. 95-134, 2009.
- SANTOS, Carla Daiane de Matos dos. *Das cavernas do passado às vitrines no presente: um estudo sobre os usos dos grafismos de cerâmicas arqueológicas Maracá e Aristé/Cunani em Macapá-Amapá*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2023.
- SANTOS, Queiton Carmo dos. O aparato das coisas: arqueologia e os usos políticos do passado na Amazônia ao final do século XIX. *Em Tempo de Histórias*, [S. l.], v. 1, n. 38, 2021a.
- SANTOS, Queiton Carmo dos. *Quando falam os ancestrais: arqueologia, etnografia, tempos e modos de conhecer na Ilha do Pará-Afuá, Foz do Rio Amazonas, Brasil*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021b.
- SANTOS, Queiton Carmo dos. “De primeiro não era assim”: histórias, paisagens e as coisas da Ilha do Pará, Afuá, Amazônia. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia*, São Paulo, v. 1, n. 36, p. 107-125, 2021c.
- SANTOS, Terezinha de Jesus Soares dos; PENA, Francineide; CHAGAS, L.; FARIAS, B. S. (org.). *Farmácia da Terra – Plantas Medicinais e Alimentícias*. Macapá: Amapaz, 2000.
- SILVA, Deyse F. Sobre as “pedras famosas de Calçoene”: reflexões a partir da arqueologia etnográfica na Amazônia. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.
- SILVA, Fabíola Andréa; GARCIA, Lorena Luana Vanessa Gomes. Território e memória dos Asurini do Xingu: Arqueologia Colaborativa na T.I. Kuatinemu, Pará. *Amazônica – Revista de Antropologia*, v. 7, n. 1, p. 74-99, 2015.
- SILVA, Michel Bueno Flores da. *Análise Tipológica e Espacial do Sítio Arqueológico AP-OI-06, Extremo Norte do Amapá*. Monografia (Especialização em Patrimônio Arqueológico da Amazônia), Universidade do Estado do Amapá, Macapá, 2011.

- SILVA, Michel Bueno Flores da. Aldeias e Organização Espacial dos Povos Produtores da Cerâmica Arísté: contribuições para a Arqueologia das Unidades Habitacionais da Costa Atlântica do Amapá. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.
- SILVA, Michel Bueno Flores da. Uma História De Longa Duração Na Terra Indígena Uaçá: Arqueologia, Paisagem e Memória na Costa Atlântica do Amapá. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Museu de Arqueologia e Etnologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023.
- SOUZA DA SILVA, Benedito Walderlino. *Paisagens arqueológicas do extremo sul do Amapá: análise espacial intrasítio no sítio arqueológico Laranjal do Jarí I*. Monografia (Especialização em Arqueologia), Universidade Federal do Pará, Belém, 2010.
- SOUZA, Kleber de Oliveira. Até onde vão as cicatrizes deixadas pelo tempo? Análise lítica da ocupação humana do Holoceno Médio e Tardio na bacia do Amapari/AP, Amazônia. Monografia (Especialização em Patrimônio Arqueológico da Amazônia), Universidade do Estado do Amapá, Macapá, 2011.
- SOUZA, Kleber de Oliveira. Até onde vão as cicatrizes deixadas pelo tempo? A ocupação humana nos sítios MMX 09 e MMX 11 a partir da análise das peças líticas. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2013.
- TUHIWAI SMITH, Linda. *Decolonizing Methodologies: research and indigenous peoples*. London: Zed Books, 1999.
- TUYUKA, Poani Higino Tenório; VALLE, Raoni Bernardo Maranhão. ʘTÁ WORÍ – um diálogo entre conhecimento Tuyuka e arqueologia rupestre no baixo Rio Negro, Amazonas, Brasil. *Tellus*, [S. l.], v. 19, n. 39, p. 17-37, 2019.
- WAI WAI, Jaime Xamen. *Etnografia e história das aldeias antigas do Rio Kikwo, Pará, Brasil*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2022.
- WICHERS, Camila Azevedo de Moraes; RIBEIRO, Diego Lemos; BRUNO, Maria Cristina Oliveira. Musealização da Arqueologia: percursos trilhados, dilemas do presente e rotas para o futuro. *Museologia & Interdisciplinaridade*, [S. l.], v. 12, n. 24, p. 15-31, 2023.
- WYLIE, Alison; PINSKY, Valerie. (ed.). *Critical traditions in contemporary archaeology: essays in the philosophy, history and socio-politics of archaeology*. Albuquerque: University of New Mexico Press, 1989.